

José Leon Machado

# Heróis do Capim



ROMANCE

Edições Vercial

# Heróis do Capim

## **Ficha Técnica**

Título: *Heróis do Capim*

© Copyright José Leon Machado, 2016

Todos os direitos reservados

Edições Vercial, Braga

ISBN-13: 978-1523472987

ISBN-10: 1523472987

Os nomes e as ações narradas nesta obra são produto da imaginação do autor e, tirando as personalidades históricas referidas, qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é pura coincidência.

José Leon Machado

# Heróis do Capim

Romance

Edições Vercial

*Ao meu pai, José Martins Machado,  
In memoriam*

*Se servistes à pátria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma.*

*Padre António Vieira, Sermão da Terceira Quarta-feira da Quaresma*

## CAPÍTULO II

Quando o André Ferreira bebia um copo a mais – e isso acontecia três vezes ao ano: no Natal, na Páscoa e no 25 de Abril –, ficava nostálgico e punha-se a falar dos tempos que passou na tropa. A esposa e os filhos ouviam-lhe com paciência o relambório, dezenas de vezes repetido, com um ou outro acrescento ou falha, conforme os anos iam passando e a memória esquecendo ou distorcendo pormenores. O serviço militar foi, na falta de outro, o período mais marcante da sua vida. Do dele e de milhares de rapazes ignorantes e simplórios que o regime de Oliveira Salazar enviou para África a defender as províncias ultramarinas dos terroristas apoiados pelo comunismo soviético, pelo maoísmo chinês e, soube-se depois, pelos próprios americanos, em nome da liberdade e da autodeterminação dos povos colonizados. Mas o André nada disto sabia e, mesmo que o soubesse, dava-lhe tanta importância como um analfabeto a um jornal.

Um dia, Marco Túlio, o filho, apareceu lá em casa a desafiar-lo a escrever as suas memórias de guerra. O pai disse-lhe para ganhar juízo. Ele insistiu e ofereceu-lhe alguns livros de ex-combatentes, gente que teve a coragem e a força de vontade para escrever sobre o assunto. Talvez assim se entusiasmasse. O André passou as vistas por dois e disse que muito do que ali vinha, ou era mentira, ou estava deturpado. Aquilo que viu no mato de Moçambique e aquilo por que passou não podia vir em nenhum livro, pois ainda ninguém o tinha escrito. O filho viu aí mais um argumento para o incentivar a pegar na caneta. Não se preocupasse com os erros ou o estilo. Ele depois corrigia. O pai prometeu *passar sobre o assunto*, como gostava de dizer.

Quando, algumas semanas mais tarde, o filho passou lá por casa com o neto numa visita, perguntou-lhe se tinha pegado na caneta. O velhote levou-o para o quintal nas traseiras da casa e,

com as pernas bem abertas e os pés assentes na terra cavada de fresco, confessou-lhe que tinha pegado numa caneta e nalgumas folhas de papel e se sentara à mesa da cozinha, mas nem uma palavra conseguiu rabiscar.

– O pai – argumentou o filho – sempre escreveu cartas. Temos aí maços delas que enviava à mãe de Moçambique. Para já não falar das cartas para a avó e os seus irmãos. Escrever as memórias é como escrever cartas. Só não precisa de se dirigir ao destinatário.

– E então a quem me dirijo?

– Ao leitor.

– Qual deles?

– A um qualquer.

– Ora, ora! Quando escrevemos uma carta, sabemos a quem nos dirigimos. É como se estivéssemos a ver a pessoa e a falar com ela. Eu não me vou pôr a contar a minha vida a uma pessoa que não conheço.

– Mas é assim que se faz. Naqueles livros que lhe dei, o autor dirige-se a quem lê: ao público; como se fosse um locutor da televisão a ler as notícias.

– Tens cada uma! Estás a falar com um carpinteiro que não tem mais que a quarta classe. Tu é que tens a mania dos livros. Se fazes tanta questão nessas memórias, por que não as escreves tu?

– Não tem interesse nenhum eu escrever as suas memórias. Elas devem ser escritas por quem as viveu.

– Então não há mais que dizer.

E voltou-lhe as costas de volta a casa.

– Pai, espere! Eu comprometo-me a escrevê-las. Mas é você que mas vai ditar.

O André Ferreira, sem se voltar, retorquiu:

– De que estás à espera? Vamos, que se faz tarde. Se nos despacharmos, acabamos ainda hoje.

Para não perder a oportunidade, o filho sentou-se com ele num sofá da sala e gravou no telemóvel tudo o que o pai



ia contando. O velhote achou estranho que ele não tomasse apontamentos. O Marco explicou-lhe que com a gravação nada se perderia e seria mais fácil fazer a transcrição.

Interromperam à hora do jantar, que a Dona Arcília fez questão de oferecer ao filho e ao neto de visita. A partir desse dia, sempre que passava lá em casa, o filho pedia ao pai que se sentasse consigo e gravava mais uma porção de memórias que ouvira desde a infância. Algumas tinha-as já esquecido, ficando-lhe apenas resquícios delas, como o caso das abelhas ou do terrível feijão-macaco.

O filho transcreveu o que o pai lhe contara, expurgado de repetições e dos pontapés à gramática próprios da oralidade. É do velhote a experiência, são do filho as palavras. «Nestas memórias», escreveu ele na nota introdutória quando as publicou, «sou apenas o secretário, ou melhor dizendo, o aprendiz de feiticeiro».

Da primeira gravação, retirou o que se segue:

Parti do cais de Alcântara para Moçambique no paquete *Império* em meados de janeiro. Cinquenta anos antes tinha, do mesmo cais, partido o avô da minha mulher para as trincheiras da Flandres. Eu ia como soldado da terceira secção do segundo pelotão da Companhia de Caçadores 37118. A viagem, apesar do mês em que a fizemos, desenrolou-se bastante calma até ao Cabo. Aí uma tremenda tempestade fez do barco uma casca de noz por entre ondas gigantescas. Para que nenhum homem se perdesse, encerraram-nos nos porões onde se encontravam os beliches. Todos pensaram, entre o medo, as rezas e os vômitos, que o barco se afundava.

Mas não estou a contar tudo desde o princípio. Assentei praça em Aveiro e aí fiz a recruta. Aquilo foram os piores dias da minha vida. Frio, chuva, lama, calor, poeira, sede, marchas forçadas com a mochila às costas, o capacete ferrugento enfiado na cabeça como um penico de mijo, a *Mauser* a tiracolo pesada como um canhão, tudo passei sem poder pronunciar uma queixa, pois

o corno do instrutor estava sempre pronto a aplicar os castigos: insultos e gritos com perdigotos na cara, vinte flexões, ou o fim de semana sem ir a casa. Lá jurei bandeira ao som do hino nacional todo desafinado com mais quatrocentos maçaricos.

Mandaram-me depois para Setúbal tirar a especialidade de atirador, eu que não acertava num gato a três metros. O comandante do pelotão convenceu-me a inscrever-me no exame para cabo, pois era um rapaz instruído, com a quarta classe, no meio de quase trinta analfabetos. Quando me deram o teste, com perguntas do género: Gosta do serviço militar? O que pensa da guerra? – tracei-o com um X e entreguei-o sem uma única pergunta com resposta. No dia seguinte, o alferes veio perguntar-me o que caralho me deu para fazer aquela estupidez. Disse-lhe o que pensava da tropa. Que estava ali obrigado e que o meu lugar era junto da minha família, que precisava de mim para sobreviver. Chamou-me imbecil e que não era melhor do que os outros simplórios. Gostasse eu da tropa ou não, teria de amargar dois anos como soldado raso e a ser mandado por todos.

Na altura, o que ele me disse não me fez moossa. Muito menos depois. Eu não queria responsabilidades. Essas eram para os sabujos e os medíocres, os que gostavam de mandar e não mandavam nada, pois um homem apenas era senhor de tudo: Salazar. Escrevo este nome, pronuncio-o lentamente com raiva e apetece-me partir alguma coisa: uma jarra, um retrato, uma vidraça da janela, e ver o sangue a escorrer-me do punho.

Já com a especialidade de atirador, a mais básica de todas dentro da tropa macaca, fui transferido para a Amadora e integrei a companhia que viria a ser destacada para Moçambique. Entre os soldados, depressa nos afeiçoámos uns aos outros, uma coisa fundamental para quem ia para o mato e tinha a sua vida nas mãos dos camaradas. O capitão, oficial miliciano, era um camelo, que foi metendo o chico porque não sabia fazer mais nada. O alferes era um parvalhão. Tratava toda a gente, inclusive os furriéis, abaixo de cão. Estava sempre a ameaçar com castigos, porradas e

participações superiores. Parecia que tinha engolido o regulamento militar e este se lhe encravarara no olho do cu. Poucas semanas antes de embarcarmos, partiu uma perna e substituíram-no por outro. Para nós foi um alívio. O novo alferes era um tipo com menos cagança e, embora tivesse as suas manias, acabámos por não desgostar dele.

Por essa altura, a nossa companhia foi chamada para fazer a guarda de honra na inauguração da Ponte Salazar. Foi uma grande festa. Tivemos, no regresso ao quartel, o rancho melhorado. Eu lá estive, de *Mauser* ao ombro, com os figurões engravatados e engalanados a cortar a fita e a fazer revista às tropas. Se eu soubesse o que me esperava, teria dado um tiro num daqueles filhos da puta. Talvez a guerra se acabasse ali. Pelo menos para mim. Mas eu naquele momento só pensava em manter-me o mais cómodo possível na posição de apresentar arma e que aquilo terminasse depressa. Estava calor, a *Mauser* era pesada e eu morria por sentar-me no banco de uma tasca e beber uma cerveja. Os outros não deviam pensar em coisas mais transcendentais.

Em setembro, fomos chamados a apagar um incêndio numa mata perto. Como não tínhamos material de bombeiros, o alferes mandou-nos cortar ramos de eucalipto e foi com eles que o pelotão evitou que o fogo chegasse a um lugarejo e queimasse meia dúzia de casebres. Saímos dali enfarruscados e, apesar do banho, cheirámos a fumo durante vários dias.

Em dezembro, no último fim de semana que nos permitiram ir a casa, apanhei o comboio e fui a Braga. Despedi-me da minha mãe, da minha irmã ainda solteira e do meu filho, que celebraria o primeiro aniversário daí a três semanas. A minha mulher acompanhou-me no regresso a Lisboa. Deixámos a criança entregue à avó. Fomos de carreira até à Praça das Cebolas. Aí estava a outra minha irmã à espera com o marido. Levaram-nos para a sua casa na Amadora. Foi a nossa lua-de-mel. Já em Moçambique, recebi uma carta em que ela dizia que estava novamente grávida. A criança viria a nascer na ausência do pai, como um bom filho do império.

# ÍNDICE

N.º de página:

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I .....	19
CAPÍTULO II .....	29
CAPÍTULO III .....	37
CAPÍTULO IV .....	49
CAPÍTULO V .....	58
CAPÍTULO VI .....	69
CAPÍTULO VII .....	77
CAPÍTULO VIII .....	87
CAPÍTULO IX .....	98
CAPÍTULO X .....	109
CAPÍTULO XI .....	119
CAPÍTULO XII .....	131
CAPÍTULO XIII .....	142
CAPÍTULO XIV .....	154
CAPÍTULO XV .....	164
CAPÍTULO XVI .....	174
CAPÍTULO XVII .....	184
CAPÍTULO XVIII .....	196
CAPÍTULO XIX .....	205
CAPÍTULO XX .....	213
CAPÍTULO XXI .....	223
CAPÍTULO XXII .....	233
CAPÍTULO XXIII .....	246
CAPÍTULO XXIV .....	257
CAPÍTULO XXV .....	267
CAPÍTULO XXVI .....	279
CAPÍTULO XXVII .....	288
CAPÍTULO XXVIII .....	299
CAPÍTULO XXIX .....	311
CAPÍTULO XXX .....	322

CAPÍTULO XXXI .....	331
CAPÍTULO XXXII .....	341
CAPÍTULO XXXIII .....	350
CAPÍTULO XXXIV .....	361
CAPÍTULO XXXV .....	372
CAPÍTULO XXXVI .....	381
CAPÍTULO XXXVII .....	391
CAPÍTULO XXXVIII .....	400
CONCLUSÃO .....	409
NOTA FINAL .....	412